

Antes de depois
(fim de mundo em *Finisterra*, de Carlos de Oliveira,
e *Beginning to End*, de Samuel Beckett)

Raquel S.

Universidade do Porto

Resumo: Partindo da problematização do conceito de *fim do mundo*, propomos a leitura de *Finisterra. Paisagem e povoamento*, de Carlos de Oliveira, e de *Beginning to End*, de Samuel Beckett, procurando reflectir sobre a consciência da finitude.

Palavras-chave: Carlos de Oliveira, Samuel Beckett, mundo, silêncio, finitude

Abstract: Questioning the concept of *end of the world*, and considering Carlos de Oliveira's *Finisterra. Paisagem e povoamento* and Samuel Beckett's *Beginning to End*, this paper aims to bring to reflection the conscience of finitude.

Keywords: : Carlos de Oliveira, Samuel Beckett, world, silence, finitude

Talvez seja melhor começar por pedir desculpa porque, provavelmente, vou ler isto muito depressa, depressa, como se o objectivo fosse chegar ao fim e não fazer o caminho. É preciso ler devagar: o sentido não está só no fim, é um castelo que se vai construindo. É melhor ler mais devagar porque é antes de chegar ao fim que o fim se revela. O fim está no princípio.

Ainda não. Primeiro pensar sobre o que é o fim do mundo. São as coisas que acabam? As coisas a acabar? Ou as coisas já acabadas, depois do seu termo? O que é exactamente o fim?

Ao pensar nesta comunicação, esbarrei sempre no depois do fim. Não sei que tempo é este, parece um tempo inabitado ou cheio dos fantasmas do sentido das coisas que aconteceram. Se tudo termina o tempo continua? O que há a seguir? O depois do fim não é uma impossibilidade de sentido, sem presença, sem acontecimento, sem ponto de vista?

Bem, voltemos ao início.

Há uns anos fiz revisão de tradução do conto “Finis”, de Frank L. Pollack, publicado pela primeira vez em 1906 na revista *The Argosy*. Eastwood e Miss Wardour esperam a subida ao céu de uma nova estrela, na torre do departamento de Física da Universidade de Columbia. Já há vinte noites que o professor faz isto, espiando pela janela a noite nova-iorquina; já há vinte anos que um cientista dizia que uma nova estrela chegaria ao céu. Uns esperam a chegada, outros esperam o fim do mundo. É o que chega: um calor imenso, gritos nas ruas, vidros que partem, trombas-d’água, nevoeiros: nasce um novo sol. Eastwood continua a tratar a rapariga por Miss, até quando correm para a cave para se protegerem do edifício que cede finalmente. O tempo vai passando, vão sobrevivendo nos escombros. Vêm pelas frinchas os sóis a desaparecer no horizonte: tudo fica mais fresco e Eastwood enche-se de esperança. Miss Wardour – chama-se Alice – quer desistir, esperar ali pela morte certa. Diz: “há mil anos que esta onda de calor se tem estado a aproximar de nós, enquanto a vida no mundo se desenrolava feliz, completamente inconsciente de que o mundo sempre esteve condenado. E agora é o fim da existência” (2011: 19). Os sóis vão nascer outra vez. Vão morrer. “É o fim, Alice” (21), diz ele, cruzando enfim a distância até chegar ao nome próprio dela. O mundo acaba: “flamejava a última aurora que os olhos humanos alguma vez veriam” (*ibidem*). E o conto também termina, assim.

O conto acaba quando o homem acaba. Não que a destruição de Nova Iorque, do mundo, não demore – demora um dia e duas noites –, mas o corte abrupto, final, só se faz quando o último humano desaparece, ao ver nascer no horizonte o novo Sol. Os olhos

– as bocas – dos humanos morrem, e ficamos num silêncio imenso. Como se mergulhássemos no sem-discurso, sem-palavras.

Como falamos deste final? Conseguimos falar dos fogos, da catástrofe, mas como falamos do a seguir, do mundo já acabado? Parece ser um nada completo, rotundo, sem humanos, sem interpretação, sem leitura, sem som, sem fúria. Sem sentido nenhum, sem olhos que povoem, sem perspectiva, sem acontecimento, sem tempo. Nada.

Segundo a lógica, *nada* não é “uma expressão referencial” (Blackburn 2003: 293), mas sim um “quantificador” (*ibidem*) que nega o predicado. *Nada existe* é, portanto, a negação do predicado *existe*. Será este depois uma negação, a não existência do que existe agora?

Construímos, em anos e anos de história, uma ideia de que o fim é um começar de novo, uma espécie de purga do que está errado, que traria mundos novos e renascimento. E se, em vez disso, tudo terminar num fim final, num silêncio imenso? E se tudo o que existe deixar de existir? Se ficar só o lugar do que já lá esteve (se é que isso *fica*)?

Parece não haver “olhos” (com muitas aspas), “perspectiva” (aspas de novo) que vejam o que sobra. Se nada subsiste, se nem há o lugar do que esteve – o que até parece uma impossibilidade lógica –, não há discurso possível.

Para pensar o depois do fim do mundo, precisamos de uma entidade, de um ponto de vista. Sentimos falta do Deus que Nietzsche matou: ele poderia documentar este vazio. Talvez o anjo da História possa ajudar-nos. Walter Benjamin fala de um quadro de Klee que representa um anjo a afastar-se de alguma coisa que olha, de olhos esbugalhados e asas abertas:

[O anjo da História] Voltou o rosto para o passado. A cadeia de factos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstruir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. (2008: 13-14)

O anjo da História é aqui instrumento para pensar a impossibilidade de discurso sobre o depois, sobre o mundo já acabado. Continuará eternamente projectado para

trás, no vácuo, a ver sempre a mesma paisagem? Que veria ele? Ruínas todas sobrepostas, vazias de sentido? Um tempo indistinguível e contínuo? Ou continuaria a ser projectado para trás, a ver pilhas de cinza sobre cinza – isto, se o mundo acabasse pelo fogo. E se só desaparecer a vida, mas continuar tudo o que os homens construíram, tudo cheio dos restos, de livros e letras que podem finalmente ser simplesmente objectos? Ou simplesmente se nada existir – um buraco?

Mas se o anjo da História vê, isto não é um mundo, outra vez?

Voltar ao início: o fim do mundo tem de se referir à História? Qual é a sua dimensão: a extinção dos humanos? Dos humanos e dos animais? Da Terra, enquanto planeta? O desaparecimento de um lugar, como uma aldeia submersa por causa da construção de uma barragem? A nossa própria morte é um fim do mundo?

Sendo o mundo o que for, o seu fim chega enquanto ele ainda existe, o fim intercepta o seu acontecer, habita ainda o tempo do mundo, antes do depois. Ou seja, o mundo começa a acabar em si mesmo. Deixa de continuar. Em “Finis”, já havia milhares de anos que o calor imenso de uma estrela se dirigia para nós, ainda que nós não soubéssemos quando chegaria ou se chegaria. O fim está aqui. O fim está no princípio. Espera, ainda não.

Existe, desde 1947, um Relógio para o Juízo Final, lançado pelo *Bulletin of the Atomic Scientists*, que conta quantos minutos faltam para a muito simbólica meia-noite – ou seja, o apocalipse por catástrofe nuclear ou ecológica –, avaliando não só as ameaças potenciais como o comportamento dos líderes mundiais perante elas. Neste momento, faltam três minutos. O acabar está já a acontecer: mudanças climáticas, energias nucleares, etc. Estamos à espera, não seremos surpreendidos.

Mas se é um relógio, não voltaremos à alvorada outra vez?

Outro início: o que é um mundo? Procurei a resposta num dicionário de filosofia. Ora, o mundo é ou foi “o conjunto dos seres existentes considerados na sua unidade e totalidade” (Freitas 1991: 1031). Na Grécia Antiga, era uma “ordem que preside a um conjunto de elementos ou seres” (1032). Depois *universas rerum*, “conjunto de todas as coisas” (*ibidem*). Platão separou-o em inteligível e sensível; na Bíblia, foi considerado “transitório por essência” (1034); Kant mostra que não podemos experienciá-lo na sua totalidade, porque a experiência é sempre subjectiva. Para Heidegger, “toda a apreensão

de sentido [...] pressupõe um Mundo como horizonte de inter-relações previamente dado” (1036). A definição termina assim: “Ultimamente, o mundo é sempre o mundo do homem, o espaço físico e ideal onde decorre a sua vida, articulada com um sentido que [...] ele é chamado a iluminar e a transcrever na sua própria vida” (*ibidem*). Resumindo: um dicionário de filosofia confunde, claro, mas faz uma espécie de História rápida do conceito, que mostra que, ao longo dos anos, o conceito de mundo vai estando cada vez mais ligado ao homem, à sua percepção, à sua – passe a redundância – mundividência. É o lugar-tempo-condição-etc.-etc. em que vivo. Se acabar, eu não continuo. Pensar o fim do mundo aguça a consciência da finitude. O mundo acaba e eu morro.

Duas leituras para o fim do mundo. Primeiro: *Finisterra. Paisagem e povoamento*, último romance de Carlos de Oliveira.

Uma família vive numa casa feita e refeita de geração em geração. Parece que espera, sem esperança nenhuma, o seu fim, o fim do seu mundo: a casa, o terreno, a paisagem. Tentam obsessivamente captar a paisagem pela pirogravura, pelo desenho, pela fotografia, construindo maquetas. Registrar, fixar, representar. O jogo entre o que existe e o que se vê. Entre o que foi um dia e o que é hoje. E depois não vai ser.

As ameaças – apocalipses em potência – pairam sobre a casa: peregrinos-camponeses de cabeças a arder, só mãos e fome; dívidas, execuções fiscais; o salitre; o nevoeiro; “[a]s trovoadas [que] não param” (2003: 23); as gisandras, plantas-fungo que não existem na biologia fora do romance; o envelhecimento. E ainda “as dunas prontas a mover-se” (20). No interior, a mesmidade dos gestos, repetidos até ao impossível; “No exterior, a partir das paredes, há dois palmos de atmosfera lúcida, quase luminosa (intensifica-se pouco a pouco): halo a envolver a casa, a protegê-la (?) misteriosamente. Para lá do halo, o ar é escuro, peso que se move e revolve com lentidão. A ameaça a aproximar-se.” (10).

Que névoa é esta, de que a casa se defende luzindo? Talvez uma névoa que tornasse a casa mole como papelão humedecido. Parece que a natureza vai engolir a casa inteira: “Não tarda muito, há-de juntar-se à névoa um segundo perigo, também obsessivo: a lama das gisandras percutindo os alicerces todo o inverno” (*idem*: 30). Planta estranha, a sua “goma borbulhante espraia-se contra os muros, as paredes da casa, digere insectos, areia, folhas [...]. De ano para ano, as espécies rareiam ou

desaparecem: o jardim pressente a vegetação uniforme e degenerada” (*ibidem*). Talvez a casa desapareça pela extravagância da biologia.

O pai dá-nos uma pista: “O melhor é voltar atrás, ao começo de tudo” (25). O povoamento do deserto foi ilícito: os pioneiros tomaram para si aquele pedaço de terra. O fim está no princípio. A família tem culpa. Um tio tenta ainda a esperança de produzir porcelana, procura a fórmula alquímica que os livrará das dívidas. Vê na paisagem a salvação; por outro lado, o homem e a mulher vigiam o horizonte alternadamente. “[G]estos de um ritual perto do fim” (20). Estão a acabar. O tempo do romance é o antes do fim, como uma seta que aponta para um buraco onde só há nada. Aliás, nada há, para respeitar a lógica.

Paira sobre a casa uma ameaça sem nome, reina sobre todas as outras: a ameaça da sua destruição. O fim virá, pela biologia, pela física, pela metafísica – como for. A família espera e faz o registo do que vê, daquela paisagem. É um balanço, uma relação do que existe agora e vai desaparecer para sempre. “Fazer contas e errá-las: a soma que se chama alma” (35).

Os relógios foram levados: não é em minutos que se mede este tempo, a espera, “o trabalho inalterável do caruncho”, diria Raul Brandão (1903: 497). As medidas do tempo são a noite e o dia, e as transições: madrugada (quando a mulher vai procurar a cruz de vidro que perdeu nas dunas) e pôr-do-sol (a noite a instalar-se). O tempo torna-se indiferenciado. Não tem medida.

Antes de acabar: é aí que estamos. O fim da família (a mãe sente que “a criança nasceu para [a] destruir” (2003: 107)) e da propriedade: do mundo dos pioneiros que ocuparam o deserto. A natureza – ou os peregrinos, que talvez sejam as mãos da natureza – toma o seu lugar de volta, tomará conta, sem dúvida. Parece engolir a casa pelas gisandras, pela humidade, pela paisagem. Demora séculos, mas caminha. Como uma ameaça lentíssima.

Lemos que “entretanto, o silêncio cresce: ou melhor, deixa de vibrar” (*idem*: 101). Caminha. Um dia o silêncio tombará sobre aquele mundo, sobre aquela casa-fortaleza. Mas não é uma negação do que existe, do som, das palavras, do barulho da vida que ainda resta. É um silêncio que já está a chegar, devagar, tem densidade e substância.

Em *Finisterra*, o fim do mundo ressoa, vai acontecendo, dura o tempo que o silêncio demora a ser restituído à paisagem. Sabendo do fim, toda a família escreve, lê, desenha, etc. Como se tentasse registrar o mundo, sustê-lo assim, prendê-lo a uma existência qualquer, mesmo que seja uma representação. A família ocupa o tempo até que o silêncio, o escuro chegue, o halo desapareça e o campo magnético que protege a casa, e o mundo por fim acabe. Este mundo que termina parece ser o alcance de um golpe de vista. A casa, a paisagem, a família. Tudo vai terminando.

Segunda leitura, outra vez a morte como fim de mundo: *Beginning to End*, peça de teatro composta por Samuel Beckett e pelo actor Jack Macgowran, a partir de excertos de várias obras do escritor irlandês.¹

Um homem diz-nos que vai morrer: tem a certeza, já não dura muito. Não há muito tempo até ao seu fim do mundo. Até ao fim do seu mundo. Fala. Contar histórias e mais histórias, confundi-las, abandoná-las antes que o fim chegue. É o caminho, faz-se caminhando.

Histórias, anos e anos de histórias, até me chegar esta necessidade, que alguém esteja comigo, qualquer um, um estranho, com quem falar, imaginar que ele me ouve, anos disto, e então, agora, alguém que... me conheça, dos velhos tempos, qualquer um, esteja comigo, imaginar que ele me ouve, o que eu sou, agora. (1976: 255, trad. minha)²

Faz falta um ouvido, mesmo que não exista. A ideia de um ouvido. Ouvir o que se conta: o som do interior, tornar as histórias uma onda sonora. Barulho contra o silêncio. Registrar, fazer o balanço para ninguém – o homem está sozinho. Deixar um rastro, como os desenhos, as pirogravuras, as maquetas da família de *Finisterra*. Deixar um trilho, sinal do caminho feito. Antes de desaparecer, faz-se um somatório: aquele cálculo que se chama alma, como escrevia Carlos de Oliveira.

O homem conta histórias e interrompe-as. O pai a dizer-lhe que ele é um falhanço. Comunicar com a mãe por pancadas na cabeça. A mãe a acenar na varanda. Um cavalo completamente branco a aparecer e desaparecer, fugaz e impossível, tão puro e claro, tão nítido. Nunca ter amado nada na vida. Memórias dentro de memórias, cruzamentos, considerações, digressões dentro do que foi constante e inconstante na vida: o amor pelo branco, o ódio por tudo o que voa. Um dia em que caiu e ficou muito tempo no chão

a olhar para o céu. O olhar cheio de ódio de um homem que lhe metia medo. Agora parece-se com ele.

Chupar pedras à beira mar. O homem descreve esquemas complexos de transferência entre os bolsos e a boca para garantir que não chupava duas vezes a mesma pedra. Esta descrição é exaustiva, complexa, como a distribuição pelos bolsos. Até que, ao fim de muito tempo de explicação, admite: “no fundo, [...] também me era igual ao litro chupar uma pedra diferente de cada vez ou sempre a mesma, fosse pelos séculos dos séculos. Porque ao fim e ao cabo elas tinham todas exactamente o mesmo gosto” (1970: 105-106). Guardou só uma. Perdeu-a, ou deitou-a fora, ou engoliu-a.

Histórias. A forma presente do que se viveu. Tudo indistinguível, no fundo viver é passar o tempo entre pedras com o mesmo sabor. Estilhaços de histórias, memórias, sensações. Imagens na retina: como uma colecção de momentos a que atribuímos o sentido de percurso. Parece que viver é ocupar o tempo entre nascer e morrer. O homem diz: “morrer é uma coisa tão longa e cansativa, sempre achei” (1917: 42, trad. minha).³ Corrigindo: viver é ir morrendo, cumprir a tarefa da finitude.

Pelo caminho colecionamos memórias que se tornam histórias, só palavras, sem corpo, irremediavelmente longe do que lhes deu origem. E com o tempo crescem as dúvidas. O que aconteceu afinal? As recordações ficam cheias de perguntas, a reconstrução é impossível: as palavras e as coisas estão longe, mas as palavras são o que temos. O homem fala:

Oh também eu terminarei e serei como quando ainda não era, tudo acabado em vez de por vir, isso faz-me feliz, frequentemente o meu murmúrio fraqueja e morre e eu choro de felicidade enquanto vou indo e por amor a esta velha terra que me tem levado tanto tempo e cuja complacência será minha em breve. Eu estarei logo abaixo da superfície, primeiro inteiro, depois em partes e levado pela terra e talvez no fim através de um penhasco até ao mar [...]. Uma tonelada de vermes por hectare, isso é um pensamento maravilhoso. (*idem*: 44, trad. minha)⁴

Quando começou a falar, o homem dizia: “Sim, finalmente vou ser natural” (1993: 8). Há reconciliação no fim, como se voltássemos a ser absorvidos, orgânicos. Como a casa de *Finisterra*, perdoada depois dos séculos pela paisagem, engolida. Assimilação pela terra.

Talvez este personagem nem queira contar a história, só falar. O registo confronta-se com a sua impossibilidade, o tempo foge, a vida foge, a memória não abarca tudo, as palavras ficam longe do que referem. O tempo da fala não é o tempo do acontecimento, ele tem medo de saltar milhares, centenas de dias. Quantas experiências se perdem no cálculo, como se não as tivéssemos vivido? Diz que poderia ter vivido toda a vida numa sala com um relógio, só a ouvir o pêndulo: só a ver o tempo acontecer.

Com tanta vida ida do conhecimento como saber quando tudo começou, todas as variantes das coisas que, uma por uma, se seguiram umas às outras com o seu insípido veneno, toda a vida, até sucumbir. Então de alguma forma até as coisas antigas são de cada vez primeiras, nenhuma das respirações a mesma, tudo a acontecer uma vez e outra vez e tudo uma vez e nunca mais. [...] Acabado, acabado, há um lugar terno no meu coração para tudo o que acabou, não, pelo estar acabado, adoro a palavra, as palavras têm sido os meus únicos amores, não muitas. (1971: 46-47, trad. minha)⁵

O tempo ainda não é dele, não está acabado, porque ainda corre. Só depois do fim do mundo o sentido é completo, mas aí já não há instrumentos, palavras. Só a morte pode terminar a tarefa, da mesma forma que só quando se deita as pedras fora termina a dúvida sobre elas. É preciso chegar ao momento a seguir para ter luz sobre o que passou:

Então não será como agora, [...] mas um tempo longo inquebrado sem antes nem depois, claro ou escuro, de ou para ou em, a velha sabedoria do quando e onde desaparecida, e do quê, mas ainda tipos de coisas, todas de uma vez, todas a ir, até nada, nunca houve nada, nunca pode haver, vida e morte são nada, esse tipo de coisa, só uma voz que sonha e permanece monótona por aí, isto é alguma coisa, a voz que um dia esteve na tua boca. (*idem*: 47, tradução minha)⁶

Só sobra do que vivemos um eco ténue. Talvez o silêncio que cai sobre o mundo no seu fim seja, como diria Lévinas, um silêncio “sussurrante” (2013: 53), o mesmo do “vazio absoluto, que se pode imaginar, antes da criação – o há” (54). Um silêncio cheio de sentidos, que se relaciona com o tempo antes de nós. Um sentido que paira, monótono, como um som sem fonte.

Histórias: o homem nunca chegou ao fim de nenhuma, “tudo sempre continuou para sempre” (1976: 254, trad. minha).⁷

As carrancas da terça, os resmungos da quarta, as pragas da quinta, os uivos da sexta, os rressonares do sábado, os bocejos do domingo, os carpidos da segunda, os carpidos da segunda. [...] E a pobre velha piolhenta terra, a minha terra, e a terra do meu pai e da minha mãe, e do pai do meu pai e da mãe da minha mãe, e da mãe do meu pai e do pai da minha mãe, e do pai da mãe do meu pai e da mãe do pai da minha mãe, e do pai do pai da minha mãe e da mãe do pai do meu pai, e da mãe do pai da minha mãe, e do pai da mãe do meu pai, e da mãe do pai do meu pai, e do pai da mãe da minha mãe, e do pai do pai do meu pai, e da mãe da mãe da minha mãe, e dos pais e mães das outras pessoas [...]. Um excremento. Os açafrões e os larícios que ficam verdes todos os anos uma semana antes dos outros e os pastos vermelhos com a placenta não comida das ovelhas e os longos dias de Verão e o feno recém-cortado e o pombo-bravo de manhã e o cuco de tarde e o codornizão à noitinha e as vespas na geleia e o cheiro da giesta e o ar da giesta e as maçãs a cair e as crianças a andar nas folhas mortas e o larício que vira castanho uma semana antes dos outros e as castanhas a cair e os ventos uivantes e o mar a quebrar no molhe e os primeiros fogos e os cascos no caminho e o carteiro tísico a assobiar *As Rosas Florescem na Picardia* e o candeeiro de petróleo standard e, é claro, a neve e, escusado será dizer, a saraivada e, louvada seja, a lama gelada e de quatro em quatro anos o ruir de Fevereiro e em Abril águas mil e os açafrões e depois todo o estuporado circo a recomençar de novo. Um monte de merda. E se eu pudesse recomençar tudo de novo, sabendo o que sei hoje, o resultado seria igual. [...] E se eu pudesse recomençar cem vezes, sabendo de cada vez um pouco mais do que o que sabia na vez anterior, o resultado seria ainda e sempre igual, e a centésima vida seria como a primeira, e as cem vidas como uma só. Uma diarreia de gato. (2005: 53-54)

Tudo redundante e repete. Quantos fins de mundo antes de nós? Tudo perde o valor, porque é repetido até o seu valor se perder e ficar só o desbotado da cor que teve um dia. O fim de tudo já está no seu início: como se morrêssemos de repetição, de desgaste. “O fim está no princípio e, ainda assim, continuamos” (1958: 126, trad. minha),⁸ diz o homem, mais uma dessas personagens de Beckett a caminhar para a morte, a acabar desde que começam. Só há uma respiração gloriosa, um vislumbre, um segundo, e logo começam a morrer: “Elas parem montadas em campas, a luz brilha um instante, e então volta a ser noite” (1955: 83, trad. minha).⁹ Meia-noite e acabamos. Só temos um segundo de vida imensa, e que começamos logo a gastar na repetição.

Antes do silêncio o homem fala. Porque o silêncio é imenso, inominável,

cheio de murmúrios, não sei, são palavras, nunca mais vou acordar, são palavras, é o que há, [...] haverá silêncio, por uns instantes, alguns instantes, ou será o meu, aquele que dura, que não durou, que continua a durar, serei eu, tem de se continuar, portanto vou continuar, [...] tenho de continuar, não posso continuar, vou continuar. (2002: 189)

Agarra-se às palavras, que é o que tem. No fim elas também vão embora.

O homem imagina o dia: “Estou tão curvado e só vejo os meus pés, se abro os meus olhos, e no meio das pernas, um pequeno trilho de pó negro. Digo a mim mesmo que a terra se extinguiu, ainda que nunca a tenha visto acesa” (1958: 132, trad. minha).¹⁰ Fazer registo. Contar a história. Pirogravura, desenhos. Antes de acabar, dar sentido, reler: talvez seja isso. O fim do mundo aponta a finitude e põe-nos em confronto conosco: como a casa de *Finisterra*, quando se fecham as janelas, se transforma numa câmara escura. Um lugar de revelação. O mundo está a acabar. É perante nós que ficamos.

Antes de ir, devagar, o homem diz: “Momentos para nada, agora como sempre, o tempo nunca foi e o tempo foi, cálculo fechado e história acabada. [...] Bem. Aqui estamos. Aqui estou. Já chega” (*idem*: 133, trad. minha).¹¹

E vai embora.

Bibliografia

Beckett, Samuel (1955), *Waiting for Godot*, in *The Complete Dramatic Works*, Londres, Faber and Faber: 7-88.

-- (1958) *Endgame*, *ibidem*: 89-134.

-- (1970), *Molloy*, tradução de Rui Guedes da Silva, Lisboa, Editorial Presença.

-- (1971), “From an abandoned work”, in *Breath and other shorts*, Londres, Faber and Faber: 37-48.

-- (1976), *Embers*, in *The Complete Dramatic Works*, Londres, Faber and Faber: 251-264.

-- (2002), *O Inominável*, tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo, Lisboa, Assírio & Alvim.

-- (2003), *Malone Está a Morrer*, tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

-- (2005), *Watt*, tradução de Manuel Resende, Lisboa, Assírio & Alvim.

Benjamin, Walter (2008), *O Anjo da História*, tradução de João Barrento, Lisboa, Assírio & Alvim.

Blackburn, Simon (1997), "Nada", *Dicionário de Filosofia*, tradução de AA.VV., Lisboa, Gradiva:293.

Brandão, Raul (1903), *A Farsa*, in *Obras Completas de Raul Brandão*, Tomo I, s/l, RBA Coleccionables e Círculo de Leitores: 385-538.

Freitas, Manuel de Costa (1991), in AA. VV., *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Tomo 3, Lisboa/São Paulo, Verbo: 1031-1037.

Lévinas, Emmanuel (2013), *Ética e Infinito*, tradução de João Gama, Lisboa, Edições 70.

Oliveira, Carlos de (2003), *Finisterra*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Pollack, Frank L. (2011), "Finis", in *Contos Imaginários*, tradução de Virgínia Rocha, Porto, Rostó Editor: 3-21.

Raquel S. nasceu em 1986 e viveu em Monção até aos dezassete anos. Em 2008 licenciou-se em Filosofia, no ramo de Estética e Artes, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto onde obteve, em 2010, o grau de mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes, apresentando a dissertação *Distância: Lendo Aracne, de António Franco Alexandre*. Trabalhou como assistente editorial. Desde 2012, tem vindo a desenvolver trabalho como dramaturga e dramaturgista, em companhias como o Teatro Universitário do Porto, As Boas Raparigas... e ACE – Teatro do Bolhão.

NOTAS

¹ A dramaturgia colige excertos de várias obras (principalmente romances) de Samuel Beckett. Optei por usar como fonte das citações os livros coligidos e não a peça *Beginning to End*, cuja edição é extremamente rara e muito difícil de encontrar. Para esta recolha parti do registo em vídeo do espectáculo, levado a cena em 1966 e transmitido pela RTÉ Radio and Television em Abril de 2006, nas comemorações do centenário de nascimento de Samuel Beckett.

² “Stories, years and years of stories, till the need came on me, for someone, to be with me, anyone, a stranger, to talk to, imagine he hears me, years of that, and then, now, for someone who... knew me, in the old days, anyone, to be with me, imagine he hears me, what I am, now.”

³ “dying is such a long tiresome business I always found”

⁴ “Oh I too shall cease and be as when I was not yet, only all over instead of all in store, that makes me happy, often now my murmur falters and dies and I weep for happiness as I go along and for love of this old earth that has carried me so long and whose uncomplainingness will soon be mine. Just under the surface I shall be, all together at first, then separate and drift, through all the earth and perhaps in the end through a cliff into the sea [...]. A ton of worms in an acre, that is a wonderful thought.”

⁵ “With so much life gone from knowledge how know when all began, all the variants of the one that one by one their venom staling follow upon one another, all life long, till you succumb. So in some way even olden things each time are first things, no two breaths the same, all a going over and over and all once and never more. [...] Over, over, there is a soft place in my heart for all that is over, no, for the being over, I love the word, words have been my only loves, not many.”

⁶ “Then it will not be as now, [...] but a long unbroken time without before or after, light or dark, from or towards or at, the old half knowledge of when and where gone, and of what, but kinds of things still, all at once, all going, until nothing, there was never anything, never can be, life and death all nothing, that kind

of thing, only a voice dreaming and droning on all around, that is something, the voice that once was in your mouth.“

⁷ “everything always went on forever.”

⁸ “The end is in the beginning and yet you go on.”

⁹ “They give birth astride of a grave, the light gleams an instant, then it’s night once more.”

¹⁰ “I’m so bowed and I only see my feet, if I open my eyes, and between my legs, a little trail of black dust. I say to myself that the earth is extinguished, though I never saw it lit”.

¹¹ “Moments for nothing, now as always, time was never and time was, reckoning closed and story ended. [...] Well. There we are. There I am. That’s enough.”